

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME L • 2011

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CONIMBRIGA

Revista de Arqueologia | Publicação anual

Todos os artigos são submetidos à avaliação por pares (*peer review*)

DIRECTORA

RAQUEL VILAÇA

SECRETÁRIO

JOSÉ LUÍS MADEIRA

CONSELHO DE REDACÇÃO

DOMINGOS DE JESUS DA CRUZ

HELENA GOMES CATARINO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

MARIA CONCEIÇÃO LOPES

PEDRO C. CARVALHO

VASCO GIL MANTAS

CONSELHO CIENTÍFICO

ALAIN TRANOY (Université de Poitiers)

ANA MARGARIDA ARRUDA (Universidade de Lisboa)

GERMÁN DELIBES DE CASTRO (Universidad de Valladolid)

JAVIER SÁNCHEZ-PALENCIA (CSIC- Madrid)

JORGE DE ALARCÃO (Universidade de Coimbra)

LUÍS RAPOSO (Museu Nacional de Arqueologia)

MANUEL MARTÍN-BUENO (Universidad de Zaragoza)

MARTÍN ALMAGRO-GORBEA (Universidad Complutense de Madrid)

MÁRIO BARROCA (Universidade do Porto)

TRINIDAD NOGALES BASARRATE (Museo Nacional de Arte Romano)

DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM

JOSÉ LUÍS MADEIRA

SECRETARIADO ADMINISTRATIVO

EUNICE DIONÍSIO

IMPRESSÃO: Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

ISSN: 0084-9189

DEPÓSITO LEGAL: 93223/95

ANO 2014

Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para revisão, pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida a:

DIRECTORA da CONIMBRIGA | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | PALÁCIO DE SUB-RIPAS
3000 – 395 COIMBRA | PORTUGAL
conimbriga.revista@uc.pt

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir l'échange.
Sollecitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkerhr erwünscht.*

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras de Coimbra

Membro do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

APOSTILAS EPIGRÁFICAS – 4

NEW EPIGRAPHIC APOSTILS – 4

“Conimbriga” L (2011) p. 101-125

RESUMO: Na sequência de outras revisões já feitas,¹ reexaminam-se os seguintes monumentos epigráficos: de Lisboa, CIL II 243 e 263; AE 2003 946, de Tui, na Galiza; uma estela de Cardigos (Mação); e reforçam-se os argumentos para atribuir CIL II 33* à cidade de Roma.

PALAVRAS-CHAVE: Epigrafia romana; Hispânia romana; clunienses.

RÉSUMÉ: On essaie d'apporter de nouvelles données à propos d'inscriptions de l'Occident de l'*Hispania* romaine déjà publiées: CIL II 33*, 243 et 263; AE 2003 946; et la stèle funéraire de Cardigos (Mação).

MOTS-CLÉ: Épigraphie romaine; *Hispania*; *Clunienses*.

SUMMARY: Epigraphic Roman monuments are revised, after other similar revisions done: from *Olisipo*, CIL II 243 e 263; AE 2003 946 from Tui (Galiza); a stele from Cardigos (Mação); and new arguments are presented to consider from Rome CIL II 33*.

KEYWORDS: Roman epigraphy; *Hispania*; *Clunienses*.

¹ «Apostilas epigráficas» – 1: 1994; 2: 1995; 3: 2013.

APOSTILAS EPIGRÁFICAS – 4

1 – CIL II 243

Relata Félix Alves Pereira (1923-1924, 178) que se fez uma «colheita de vinte inscrições romanas, ao demolir-se em 1782 uma porta da mais antiga cerca de Lisboa, a *Porta Férrea* da narrativa do Cruzado inglês Osberno, muito depois chamada o Arco da Consolação».²

Vem essa notícia na sequência do que João Bautista de Castro já escrevera em 1763 (p. 353-354), em que explicava ser o arco assim designado por existir no seu cimo, acessível por escadaria, uma capela em honra de Nossa Senhora da Consolação, acrescentando:

«Acha-se presentemente destruída com o terremoto e incêndio; e depois se mandou demolir o arco e se extinguiu totalmente a sua existência».

No relatório que apresentou à Academia das Ciências de Berlim, assinala-o também Hübner (1871, 13):

«Quando em 1782 (exactamente quando Bayer veio a Lisboa) foi destruído o Arco da Consolação junto à igreja de Santo António à Sé, encontraram-se mais de vinte inscrições romanas. Foram todas para Santa Maria de Jesus; mas desapareceram sem que delas ficasse vestígio».

Essa informação não teve, porém, Vieira da Silva, que se baseou fundamentalmente no manuscrito de Frei Vicente Salgado, e, por isso, em relação à epígrafe que nos vai ocupar e que pertence justamente a

² Na nota 1 da pág. 183 apresenta o «extracto numérico das epígrafes funerárias olisiponenses» entre as quais 16 do Arco de Consolação que Hübner inclui em CIL II.

esse número, sugere a hipótese de ela ter «sido empregada depois como pedra de cantaria» (1944, nº 56).

Atendendo à disposição das linhas e às tipologias dominantes na epigrafia olisiponense, afigura-se-me mui plausível que o suporte desta epígrafe haja sido uma estela, quiçá de topo arredondado. Dá Salgado as medidas que logrou obter e que Vieira da Silva reproduz assim: 4,5 palmos de altura (0,99 m), 2 palmos de largura (0,44 m) e 0,25 palmos de espessura (0,055 m). Estranha-se a exígua espessura, mormente se compararmos com outra estela, de calcário regional, que veio do mesmo local e que ora se expõe no Museu Arqueológico do Carmo (Dias 2005, p. 225, nº 1204): 103 x 40 x 22 cm. Aliás, a circunstância de esta última estela (CIL II 225) haver sido recuperada «em 1922, num prédio da Rua das Canastras», dando nesse mesmo ano entrada no museu, faz-nos acalentar a esperança de que outras epígrafes da mesma procedência, dadas como desaparecidas, possam ainda vir a encontrar-se em reutilização noutros imóveis.

O texto que nos foi transmitido é como segue:

SEX(*tus*) · POMPEIVS / FAVSTVS / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) / EI F(*ecit*?)
CAECILIA CALIMIS

Aqui jaz Sexto Pompeu Fausto. Fez para ele Cecília Cálimis.

Salgado ms. 3 p. 17, 53. Levy 283, 671; CIL II 243; EO 56; ILER 2404. HEpOL N.º 21 296.

O único problema de leitura que, desde logo, se pôs foi o de não se haver percebido bem se, na l. 4, a segunda letra era um T ou um I. Hübner (Fig. 1) escreve: *ei f(ecit)? sive e[t] f(ilia)?*; Vives acrescenta: «quiza mal leída: *et F.*»; em HEpOL optou-se por *ei f(ecit)?*

Uma dúvida assaz frequente, porque basta uma iluminação deficiente ou um desgaste um pouco maior para tal acontecer. Neste caso, porém, traz-nos dificuldades acrescidas, porque nos obriga a opções bem diversas.

Importa, em primeiro lugar, saber quem é o defunto. Identifica-se com os *tria nomina*, incitando-nos o facto de ser um Sexto Pompeio a ver aí uma relação – real ou simplesmente figurada – com os *Sexti Pompei* das lutas entre César e Pompeu. Será, de facto, difícil asseverar que lhes é da família. Mui provavelmente trata-se apenas de um reflexo da aura que essa família se

granjeou.³ Claro que, sendo *Faustus* um *cognomen* extraordinariamente comum,⁴ e, por outro lado, muito usado para identificar escravos e libertos,⁵ não se veria com maus olhos que *Sex. Pompeius Faustus* fosse um liberto e *Calimis* apresentada como sua filha (ainda que uma filiação disfarçada mediante a sigla...), recebendo o gentílico da família que porventura a tivesse libertado, a *gens Caecilia*.⁶ Sendo assim – e, para isso, a redescoberta da pedra era imprescindível, para se observar a paleografia – poderia muito bem ter havido um acrescento: a sepultura do pai teria servido para a filha, falecida depois.

Desconheço se a expressão *ei fecit* terá paralelos. Afigura-se-me, à primeira vista, não corrente nos textos epigráficos, pelo que parece implicar de conhecimentos da língua (o dativo de um pronome decerto usado na oralidade, mas não corrente na linguagem epigráfica), o que, no entanto, não será difícil de aceitar atendendo ao ambiente letrado da cidade.

A favor de um laço de parentesco expresso – *et f(ilia)* – pode aduzir-se ainda a circunstância de, na verdade, *Caecilia Calimis* poder ser considerada liberta. De facto, pese muito embora Palomar Lapesa haver aventado a hipótese de o antropónimo *Calimis* – que apenas aqui está atestado (segundo logrei apurar)⁷ – ter etimologia pré-romana e, seguindo-o, outros investigadores se hajam esforçado a esmiuçar radicais e derivações,⁸ o mais verosímil é, na minha opinião, atribuir-lhe uma

³ São vários, de resto, os *Pompeii* patentes nas epígrafes olisiponenses até agora identificadas: no mapa 235 do *Atlas*, *Olisipo* ocupa claramente o 2º lugar de maior concentração de testemunhos dessa família na Lusitânia, após a capital provincial (5 contra 19 de *Emerita Augusta*).

⁴ Kajanto (p. 29) inclui-o entre os 18 mais frequentes, com 1279 testemunhos no conjunto do CIL, que ele pôde compulsar (2021, se incluirmos os seus derivados – p. 72).

⁵ Kajanto, p. 73 e 134. Na estatística da p. 272, assinala 707 homens com este nome e 238 escravos ou libertos, 159 mulheres e 141 escravas ou libertas.

⁶ Também esta *gens*, de funda raiz itálica, detém muitos testemunhos em *Olisipo*: o *Atlas* (mapa 63) dá conta de que igualmente ocupa o segundo lugar de maior concentração de testemunhos, a seguir a Mérida (13 e 23, respectivamente).

⁷ Não está, por exemplo, registado por Solin (1982) no rol dos antropónimos gregos de Roma e é, que eu conheça, o único registo peninsular.

⁸ O último dos quais terá sido Vallejo, que por diversas vezes se refere a *Calimis* (vide o índice do seu livro, na p. 761), hesitando sempre – e tem razão! – em o confinar a um tipo específico de derivação: é «uno de los pocos casos de temas em –i–» (p. 598); «un posible tema em –i–» (p. 601); uma das [quatro] «únicas formas sin correspondencia

filiação grega. Relaciona-se com o vocábulo *callimus*,⁹ que directamente deriva do grego Κάλλιμος, de significado curioso: identifica uma espécie de pedra-de-água, assim designada por, de vez em quando, ser encontrada em ninhos de águia; considera-se que detém a virtude de favorecer ou impedir a procriação, conforme se coloque sobre ou por baixo do útero.

Em conclusão: a revisão deste monumento epigráfico permite encarar a possibilidade de ele, um dia, ainda vir a ser encontrado; além disso, afirma-se o carácter bem latino e, até, o elevado nível cultural (revelado pela atribuição de um *cognomen* raro e de significação deveras erudita) das personagens nele perpetuadas, sendo, na verdade, irrelevante, haver ou não na epígrafe, a referência expressa a um laço familiar. Havia seguramente um laço afectivo. E, ademais, fica atestada a estreita relação entre duas famílias importantes na sociedade olisiponense e, inclusive, na Lusitânia: a *Pompeia* e a *Caecilia*.

2. AE 2003 946

Conforme me confessou (correspondência de 13-03-2013), Fernando Acuña Castroviejo não voltou a estudar a placa funerária que publicou em 1998:

«Sobre esta placa nunca volví, e haxo que podería ser interesante. Só publiquei unha nota na revista do Archivo y Museo de Tui sobre unha foto e algúns datos que me pasaron; en principio foi un informe que fixera a toda presa antes de marchar para Roma e á volta vinna publicada».

Peço, pois, licença para voltar eu a essa epígrafe, ainda que servindo-me também apenas da fotografia publicada (fig. 2), porque, na verdade, ela foi transcrita em AE 2003, 946 e em HEp 13, 2003/2004, 507 (*inde*: HEpOL n° 25 218), sem quaisquer comentários.

A placa (ou estela?) apareceu quando se procedia à demolição da casa consistorial anexa à igreja paroquial de Pexegueiro, Tui (Pontevedra). Está quebrada na parte inferior, de modo que não se logra saber se a epígrafe ainda continuaria; o mais provável é que não. O campo

con nombres temáticos» (p. 720). Alude à opinião de Lozano – «*Calimis* (que Lozano 1998: 47 une a gr. Καλλιμος)» –, mas não a explora nem parece dar-lhe grande atenção.

⁹ Plínio refere-o na sua *Naturalis Historia*, 36, 151.

epigráfico foi obtido por escavação, de modo a deixar em volta uma larga banda. As letras parecem ter sido pintadas pelo achador, de modo que resulta daí ainda maior dificuldade na interpretação do letreiro. Por outro lado, o buraco que se verifica ao nível do começo das linhas 4 e 5 terá levado parte do texto.

A minha interpretação é a seguinte:

D(is) · M(anibus) · M(onumentum) / RVFINA / FLAO · M[?] /
FLAVIANI / ⁵ F[i]LIO · A / P(osuit?) · A · V · M

Monumento aos deuses Manes. Rufina pôs (?) a Flau, filho de M. Flaviano. [...]

Fernando Acuña lê *Ruana*, no que é seguido pelos demais, e sugere que o filho se chame Marco Flaviano. As siglas finais são, em seu entender, problemáticas (e eu estou inteiramente de acordo), aventando a possibilidade de o P ser a sigla de P(*osuit*), como se anotou.

As siglas iniciais são comuns nos monumentos do Norte da Península, designadamente nas Astúrias, inclusive nos datados pela era hispânica.¹⁰ Especifica-se desta forma que o moimento é consagrado aos Manes, mediante o uso de uma fórmula equivalente ao, mais habitual, S(*acrum*).

Mau grado o avivamento com tinta, afigura-se-me possível acordarmos na existência do nexu FI. Certo é que a barra dos outros AA também aparenta ser curta e a metade; contudo, *Ruana* seria um *hapax* de etimologia difícil. Considero *Flao* o dativo de *Flaus*, de que, como escreve Abascal (p. 368), «parece aconsejable consideralo ya una forma independiente ante el abultado numero de testimonios» – e refere 22. Sou tentado a ler FLAVIANI – nexu NI – na l. 3, com FL desaparecido com o buraco (ainda parecem ver-se as pontas superiores do F e do L), e, por outro lado, a não ser que se trate de golpe posterior, a perna direita do N está, segundo a fotografia, bastante lançada. Se FLIO é plausivelmente interpretável como FILIO (a omissão do I tida por distração normal do lapicida), a questão está em saber se deve, ou não, interpretar-se *M. Flaviani* como a identificação do pai, servindo

¹⁰ CIL II 2713 = ILER 5849; CIL II 5732 = 2714 = ILER 5848; CIL II 5735 = ILER; CIL II 5738 = ILER 5850.

a palavra *filio* para o relacionar com um e com outro, ou seja, com a mãe e com o pai.¹¹

Tem razão Fernando Acuña: são bem enigmáticas as siglas finais. P(*osuit*) é hipótese e, antes, o A levaria a pensar na menção da idade: A(*nnos*). Se não estivessem tão trocadas, seria sedutor pensar em algo como V(*ixit*) A(*nnos*) P(*lus*) M(*inus*) V (*quinque*), sugestão, porém, difícil de sustentar, se atendermos a que seria despropósito assinalar como aproximada tão tenra idade.

Por conseguinte, esta apostila pode ter o mérito de chamar de novo a atenção para mais uma epígrafe começada por D. M. M.; e de apresentar as leituras, mais correntes, *Flaus* e, sobretudo, *Rufina* em lugar de uma *Ruana* não documentada como antropónimo, embora identifique, na actualidade, uma manta quente utilizada em terras de clima frio, na América do Sul (Colômbia, Venezuela, México)...

3. Estela funerária de Cardigos

Teve Rogério Pires Carvalho a gentileza de me enviar, a 20-10-1986, o desenho e fotografias de uma estela funerária romana, que serviu, durante séculos, de parapeito à fonte do Chão do Pião, também designada «fonte romana», sita na povoação de Carvalhal, freguesia de Cardigos, concelho de Mação. Foi retirada por intervenção de um vereador, Mário Tavares, para o átrio da igreja nova de Cardigos.

Trata-se de uma estela de ardósia (94,5 x 50 x 5 cm) que, pela sua localização, é conhecida desde longa data, estando referida, inclusive, nas *Memórias Paroquiais* de 1758.¹² Maria Amélia da Horta Pereira, na sua dissertação de licenciatura, dedicou-lhe a maior atenção e deu conta de toda a bibliografia anterior (p. 225-226 e 334-336), pelo que será dispensável assinalá-la.¹³ A razão de a ela se voltar prende-se com o facto de ainda não se haver logrado decifrar o nome do defunto

¹¹ Anote-se, como gentilmente me sugeriu Marc Mayer, a relação onomástica *Fla(v)us / Flavianus*.

¹² Transcreve-se em *O Archeologo Portuguez* III 1897 150, onde Leite de Vasconcelos anotou o testemunho de «*Alloni* (dativo de *Allo*), documentado em CIL II 2677».

¹³ Acrescente-se apenas uma referência mais, que poderá ter-lhe escapado: Saa 1960 229-230.

e, certamente também por isso, não será facilmente identificável nos *corpora*, inclusive nos *additamenta* ao CIL II inseridos em EE VIII e IX, o que seria expectável, dada a circunstância da atrás referida transcrição das *Memórias Paroquiais*.

É a seguinte a leitura proposta por Maria Amélia H. Pereira (*sic*, p. 336):

ALLON(IUS) LU(CIUS) ANN(ORUM) SEPTUAGINTA H(IC)
S(ITUS) E(ST) S(IT) T(IBI) T(ERRA) L(EVIS)

A dúvida reside, pois, na identificação do defunto, na medida em que *Lucius* é, como se sabe, um *praenomen* e deveria, por isso, preceder *Allonius*. Observando a fotografia que Rogério Carvalho enviou (Fig. 3), obtida em muito más condições de visibilidade, porque a estela estava, na altura (e cremos que ainda está), fixada à parede do templo, confirma-se, em primeiro lugar, o natural desgaste da superfície epigrafada, dado o uso que teve e, além disso, a existência da fractura ocorrida ao nível do canto superior direito, que amputou cerca de metade da l. 1. Não creio que tenha havido uma linha anterior, com a consagração aos deuses Manes, porque tanto a tipologia como a paleografia – o O bem circular; N e X simétricos, A estreito, simétrico e com barra – apontam para meados do século I da nossa era, época em que essa consagração ainda não era corrente. Do ponto de vista paleográfico, estranhar-se-á, porventura, a inclinação da barra do L; creio, porém, dado o esmero da gravação (que ainda se pode apreciar), que se trata de inteligente recurso do lapicida para lograr uma paginação de acordo com o espaço disponível, pois que colocando essa barra na horizontal maior intervalo interliterar seria requerido.

Acrescente-se, desde já, que tanto Maria Amélia como Rogério Carvalho (Fig. 4) não têm dúvidas em desenhar, sob o texto, perfeita rosácea hexapétala inscrita num círculo, elemento decorativo frequente em estelas deste tipo.

A reconstituição ALLON[IVS], na l. 1, não me oferece objecção: há espaço e o antropónimo existe. Tivemos ocasião de o identificar – aí, no entanto, como *nomen* – numa magnífica placa funerária da *civitas Igaeditanorum* (FE 463), onde, aliás, fizemos referência à necessidade de rever a estela que, também por esse motivo, ora nos ocupa.

Ao que aí escrevemos ocorre agora acrescentar o possível relacionamento com a onomástica pré-romana, dado que *Allonius* aqui

se apresenta como nome único. A atrás referida aproximação com o dativo *Alloni*, de CIL II 2677, de León, sugerida logo por Leite de Vasconcelos, não seria de todo despendida e Lourdes Albertos (1966, 18) trata desse nome, precisamente s. v. *Allo* (nominativo em -o), e remete também para CIL II 822, de Villar de Plasencia (Cáceres), que é o epitáfio de um *Sedatus* que, segundo proposta de Viu indicada por Hübner, se identificaria como *[Al]lonis f(i)lius Cluniensis*. Mas, em relação a essa epígrafe, concordo com a afirmação de Abascal (p. 268, s. v. *Allo*): «Hay que excluir CIL II 822», uma vez que – digo eu – o mais verosímil será reconstituir aí [SI]LONIS.¹⁴

Temos, assim, resposta para o ‘estranho’ LV da l. 2: é a abreviatura de CLV(*niensis*); de resto, observando bem, é possível distinguir ainda vestígios da curvatura inferior do C inicial. Poder-se-ia perguntar se, nesse caso, *Cluniensis* não estará a exercer a função de *cognomen*. É hipótese a não descartar, dado que, como se sabe, amiúde um adjectivo de naturalidade pode guindar-se a essa categoria nominal. Julgo, porém, que não será o caso aqui, atendendo ao uso da abreviatura: sendo *cognomen* estaria, normalmente, por extenso e há espaço em altura na estela para o lapicida, se de tal sorte o entendesse, inserir a palavra *Cluniensis* na l. 2, dando consentânea arrumação ao texto.

A leitura da epígrafe é, pois, como segue:

ALLON[IVS] / [C]LV(*niensis*) ANN(*orum*) LXX (*septuaginta*) /
H(ic) S(itus) E(st) / S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)
Aqui jaz Alónio, cluniense, de 70 anos. Que a terra te seja leve.

As citadas considerações de María Lourdes Albertos terão induzido os linguistas a procurar etimologias pré-romanas para este antropónimo, cujo radical *all-* se identifica, aliás, um pouco por toda a parte no mundo romano, como a própria investigadora acaba por o afirmar no seu texto. Uma aproximação com *Allius* (Vallejo, 115)¹⁵ também se me afigura forçada e, pese embora a utilização como nome único, passível de integrar o antropónimo como de uso pelos indígenas, isso não implica

¹⁴ Eventual correcção a introduzir em HEpOL registo nº 21 761, que aparentemente segue CPILC 651.

¹⁵ Aliás, Vallejo repete três vezes nessa página, certamente por lapso, o nº 22, sendo duas delas referentes à mesma epígrafe, que não é de León, mas de Villar de Plasencia.

obrigatoriamente, a meu ver, uma etimologia não-latina – e remeto para o que se escreveu em FE 463.

Mais um cluniense, portanto, a juntar à lista bem significativa de imigrantes de *Clunia* nesta região mineira.¹⁶ Já houve ocasião de salientar – justamente a propósito de um outro cluniense cujo epitáfio, hoje no Museu de Mação (Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo), foi encontrado não muito longe, na Feiteira (Outeiro Cimeiro, Belver, Gavião) –, a «intensa emigração» de clunienses, peritos na exploração mineira, designadamente do ouro de aluvião, para o território da actual Beira Baixa e Nordeste alentejano (Encarnação e Carvalho, 1984, 23).

Sublinhe-se, por isso, a atitude da família em ter querido afirmar a sua naturalidade, o que manifesta, sem dúvida, o orgulho deste núcleo de imigrantes em se identificarem como clunienses. Sintoma, por outro lado, do prestígio que auferiam no seio da comunidade e, também, do espírito de comunidade que certamente os distinguiu – e esse é, igualmente, um aspecto a ter em consideração.

4. CIL II 33*

Em IRCP p. 296 (I), anotei que a mui elegante ara que ostentava o epitáfio de *Iustus*, mandado lavar por seus pais, *Corinthus et Clyte*, deveria incluir-se, sem dúvida, entre os monumentos de Roma, tal como Hübner já preconizara, ao referi-la no rol das *alienae* (CIL II 33*).¹⁷

Constava, na verdade, das epígrafes mandadas desenhar por Frei Manuel do Cenáculo e não admira que o bispo a tivesse na sua colecção, adquirida aquando de viagem a Roma, sua ou de algum dos seus colaboradores directos ou mesmo de um amigo que soubesse do seu interesse por estas «velharias», uma vez que – tendo em conta o

¹⁶ Sobre a mobilidade dos clunienses, vejam-se – ainda que se devam sujeitar à natural actualização com os novos testemunhos identificados – os dados proporcionados por G. Fabre (1970, 333) e García Merino (1975, 188 e 441-442). Indício bem evidente da riqueza mineira aurífera é a epígrafe da *civitas Igaeditanorum*, sobre que tecemos as considerações consignadas na comunicação apresentada em 2011, que teve como co-autores Pedro Salvado, Carlos Batata e Joaquim Baptista.

¹⁷ O texto é o seguinte: D(*iis*) · M(*anibus*) / IVSTO · CAEPIONIS / CORINTHVS · ET · CLYTE / PARENTES / VIXIT · ANN(*is*) · VIII (*octo*) · MENSIB(*us*) / VIII (*novem*) · DIEBVS · VIII (*octo*).

desenho que dela nos resta, o nº 15 do álbum CXXIX 1-14 (Fig. 5) – era bem agradável à vista.

Sabia-se que teria estado numa igreja da invocação de S. Brás, o que levou Vieira da Silva a interrogar-se (p. 260) «se teria havido equívoco dos primeiros informadores, localizando em Roma algum dos templos com a invocação de S. Brás que existiam nos distritos de Évora ou de Beja, onde porventura a lápide estava colocada».

Desapareceu o monumento, quiçá no transporte de Beja para Évora da colecção de Cenáculo. Encontrei, no entanto, a referência ao seu texto, sem ilustração, na p. LXXIII (Fig. 6), dos *Epigrammata Antiquae Urbis*, da autoria de Jacopo MAZZOCCHI (Roma, Abril 1521): estava, de facto, em Roma, «in sancto Blasio in monte Acceptorium». Seria, porventura, uma igreja situada no que então se chamava o *mons Acceptorium*, ou seja, o monte onde eram depositados os resíduos urbanos. É, hoje, uma praça, onde fica o Palazzo Montecitorio, designação que naturalmente reflecte a identificação antiga.

Apesar desta confirmação, manteve-se a epígrafe referida em HEpOL sob o nº 21 077, assinalando-se ali a sua numeração no *corpus* de Roma: CIL VI 20 924 (p. 3526).

5. CIL II 263

A circunstância de, nesta epígrafe (CIL II 263 = HEpOL nº 21316),¹⁸ *C. Cominius Atilianus* estar identificado como *equus romanus* não é motivo de surpresa, embora, a meu ver, essa designação pretenda exprimir, em ambiente urbano provincial, a elevação à categoria equestre, sem, todavia, haver ou ter havido, por parte do seu possuidor, o exercício efectivo de um *cursus honorum* equestre.¹⁹ Trata-se mais

¹⁸ O texto é o seguinte: D(iis) · M(anibus) / C(aio) · COMINIO / ATILIANO / EQVITI · ROMANO / ANN(orum) · LIII (quattuor et quinquaginta) / H(ic) · S(itus) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis)

¹⁹ Ao analisar a utilização epigráfica do título «*Splendidus Equus Romanus*», Ségolène Demougin (1975) verifica que, durante o período republicano, tal não implica uma noção jurídica e exprime «o poder social dos cavaleiros»; *splendidus* corresponde a um «título lisonjeiro», que, no século II da nossa era, se utiliza para qualificar personagens cuja família goza de particular relevo na sociedade local ou regional; dá-se, a partir da segunda metade do século III, a notáveis municipais. Creio bem que este raciocínio relativo ao adjectivo *splendidus* é passível de aplicar-se também

de uma concessão honorífica, pois quem é cavaleiro de carreira não carece de o afirmar, uma vez que tal categoria se deduz dos cargos desempenhados. *Atilianus* será, mui provavelmente, um elemento do escol municipal que, por exemplo, a *gens Atilia* cooptou, atribuindo-lhe o *cognomen* formado a partir do seu *nomen*.

Além de querer acentuar este aspecto, que se me afigura de interesse para o estudo da sociedade de *Olisipo*, dois outros motivos me levaram a voltar a esta epígrafe: a tentativa de esclarecer o contexto do seu achamento e a aproximação com uma outra inscrição que também é de Lisboa, guardada no Museu Regional de Évora e que terá ido da capital no quadro da colecção de Frei Manuel do Cenáculo.

Em CIL II 263 assinala-se, como local de achado, a informação de Strada (Fig. 7): «Legresti in turri del Conde de Parta». E Hübner comenta: «Nomen loci corruptum est, Salgado emendare non potuit»; ou seja: não é compreensível o nome do local e Frei Vicente Salgado declarou-se incapaz de o decifrar.

Mais tarde, no «Auctarium addendorum» (CIL II p. XXXIX, 'ad n. 268', por lapso porque é 263), escreve Hübner: «In Legresti nomine corrupto videtur latere *Lebres* vicus in tabula regni Portugallensis topographica descriptus».²⁰ Isto é, intrigado com o inusitado topónimo, Hübner tentou obter uma designação mais consentânea com a realidade e achou Lebres. Ora, CIL II 262 é de Chelas; 264, de Unhos (Loures); 265, de Lameiras; estamos, por conseguinte, num contexto rural, dos arredores, confirmado, aliás, por Hübner ter inserido essa inscrição 263 no capítulo das provenientes «agri Olisiponensis». Lebres (actual A-das-Lebres?) fica no termo de Loures, freguesia de Santo Antão do Tojal.

Poderíamos, pois, seguir uma pista 'rural', digamos assim, interpretando a palavra *turris* na acepção latina de *villa*, propriedade rural. A pesquisa deveria endereçar-se para uma tentativa de identificação de um eventual palácio condal por essas redondezas, o que não seria despropositado quer em relação ao século XVI quer ao tempo dos

à segunda parte do título, *eques romanus*; sem o qualificativo implicará, porventura, menor notoriedade e, de certeza, vamos poder atribuir-lhe uma utilização mais precoce, porque menos descomprometida.

²⁰ No mapa que Hübner apresenta no final do seu *Corpus Inscriptionum Latinarum* (Tab. II), com a localização de topónimos dos arredores de *Olisipo* – e que se copia na Fig. 8, Lebres é, na verdade, um dos topónimos assinalados. Teve, obviamente, outrora, uma relevância maior do que tem hoje.

Romanos, no qual, como se sabe, o escol municipal tinha no termo da cidade as suas *villae* – e o desenho que nos chegou do epitáfio de *Atilianus* (Fig. 9) quadra-se bem, pela sua esbelteza, com o frontispício de um jazigo de família em plena propriedade rural.

Vieira da Silva (1944, nº 99) é, porém, mais assertivo, a esse propósito:

«Numa torre da muralha da *cerca moura*, no local onde foi construído, por 1616, o palácio do conde de Portalegre (*Strada*).

Este palácio ficava onde hoje vemos o prédio nºs 11 a 23 do Campo das Cebolas, por baixo do qual passa a serventia pública em escadaria, denominada Escadinhas do Pátio do Marquês do Lavradio (...).»

Nada disso se lê em *Strada* e Vieira da Silva cometeu algum anacronismo e terá querido interpretar «Parta» como eventual abreviatura de Portalegre. Contudo, não é muito viável que – mesmo em cursivo – Parta tenha querido dizer Portalegre; além disso, *Strada* (1515-1588) escreveu no séc. XVI, altura em que, segundo a informação do próprio Vieira da Silva, o palácio ainda não teria sido construído. Tenho para mim que Vieira da Silva se deixou... entusiasmar!

Por outro lado, se se procurar «conde de Parta» na Internet, pode acontecer que nos apareçam referências a (eventual) designação de um arruamento em S. Paulo (Brasil)²¹ ou nos seja sugerida a passagem de uma nota de reportagem inserta em *El Liberal* (Madrid, 13-9-1879), relatando a oferta, por parte da Duquesa de Coblenza, de um ramo de rosas brancas ao duque de... Parta! Neste caso, o ‘leitor automático’ leu ‘Parta’ onde, de facto, está claramente grafado Paris. Ficamos, por consequência, com a ideia de que a palavra «Parta» lida pelo tipógrafo de *Strada*²² ocultará o nome de uma localidade, que até poderia ser, de

²¹ Tive ocasião de aceder ao *Diário Oficial da União* (Secção 2), onde, na p. 24 da edição de 19-12-1953 e na p. 32 de 29-07-1955, estaria esse topónimo. Não está: é Conde de Porto Alegre.

²² Na pág. X do CIL II, explica Hübner que estão pejadas de erros («vitiis inquinatae sunt») as informações impressas de *Strada*, quer por ignorância dele quer por o seu tipógrafo não ter logrado decifrar os manuscritos que lhe haviam sido entregues: «ut appareat Stradam aut ipsum aut typothetas eius archetypa sua fortasse male scripta legere nequivisse», o que, lamenta-se Hübner, é tanto mais doloroso («tanto magis dolendum est») por não haver possibilidade de aceder a esses originais («copias autographas nancisci non potuerimus»). Com frequência, acabamos por chegar lá («do

facto, Paris. E há, por isso, alguma investigação a fazer, quer de âmbito nobiliárquico quer no sentido de se verificar que palácio de Lisboa ou dos seus arredores, pertença de conde, possa ter ‘albergado’ a referida epígrafe.

O segundo comentário que esta epígrafe me sugere é a relação com o epitáfio de um outro membro da *gens Cominia*, não porque algo haja a salientar relativamente à importância que este *nomen* deteve – já Marie-Thérèse Raepsaet-Charlier exaustivamente o fez (2002) –, mas porque essa árula funerária do Museu de Évora (Fig. 10, 11 e 12), de 51 cm de altura, detém uma decoração lateral muito bem esculpida (merece atenção a asa da *lagoena* a simular uma serpente)²³ e, para além de uma paginação que parece não obedecer aos cânones de regularidade nos módulos das letras que seriam de esperar (ter-se-á ensaiado inusitada alternância de módulos para dar especial relevo ao gentílico!...), há uma onomástica singular.

Foi claramente dedicada «aos deuses Manes de Lúcio Comínio Expectato». Ou seja, a conotação religiosa e, sobretudo, honorífica é evidente. Há, porém, uma outra intenção: a de juntar aí todos os elementos da família, sob o pretexto, válido, de se homenagear o ‘pai ótimo’. Esta expressão sai, aliás, dos estereótipos convencionais e aproxima-nos claramente do que Georges Fabre identificou como sendo próprio do meio libertino (p. 191-195): «a atmosfera de concórdia, fidelidade e pudor que lhes envolve a vida conjugal», um «clima de ternura», como tive também ocasião de verificar em relação às inscrições de libertos do *conventus Pacensis* (IRCP, p. 771-772). Se estamos em presença de uma família de libertos? Creio bem que sim. Primeiro, porque a mãe se identifica apenas com um nome e esse é o gentílico do pai dos seus filhos, a denunciar uma libertação sob a égide da mesma família; depois, embora com nomes latinos, *Iustus* e *Augustanus*, os filhos também se identificam com um nome apenas, seguramente aquele que de início tiveram e, com toda a certeza, aquele por que eram conhecidos no seio

Chastris de Rei», por exemplo, significa «do Chafariz do Rei»... – última epígrafe da p. 171); mas, como neste caso se passa, vamos necessitar de alguma investigação mais para lograr obter uma informação segura.

²³ Escreve Vieira da Silva (nº 143): «Na face da esquerda do observador tem esculpido um *urceus* (jarro), e na da direita um *praefericulum* (pátera)». Poderemos aproximar a forma do jarro da *lagoena* desenhada por Hilgers (tafel 2, 3:4, «Die Hauptformen des Silberschatzes von Boscoreale»).

da *gens Cominia* em que diariamente se movimentavam. E se o nome do pai, *Expectatus*, originalmente de significado «o esperado», «o desejado» pelos pais ou pelos familiares, pode não ter uma conotação servil; se *Iustus*, pela sua elevada conotação elogiosa, foi bastante comum «entre a nobreza senatorial e a *plebs ingenua*, sendo raro entre escravos» (Kajanto, p. 133); já *Augustanus*, mui raramente usado,²⁴ poder-se-ia relacionar com a eventualidade de o pai ter sido *sevir augustalis*, importante função a nível local que era apanágio dos libertos.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994.
- ACUÑA CASTROVIEJO (Fernando), «Unha nova placa funerária na Galicia romana», *Tui, Museo y Archivo Histórico Diocesano*, 8, 1998, p. 91-92.
- AE = *L'Année Epigraphique*, Paris. [Indica-se o ano e o n° da inscrição].
- ALBERTOS FIRMAT (M^a Lourdes), *La Onomastica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Betica*, Salamanca, 1966.
- Atlas* = NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003.
- CASTRO (João Bautista de), *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*, tomo III, parte V, Lisboa, 1763.
- CIL II = HÜBNER (Emílio), *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*, Berlim, 1869 e 1892 (suplemento).
- CPILC = HURTADO DE SAN ANTONIO (Ricardo), *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas (Cáceres)*, Cáceres, 1977.
- DEMOUGIN (Ségolène), «*Splendidus Eques Romanus*», *Epigraphica* 37 1975 174-187.
- DÍAS (Maria Manuela Alves), «Epigrafia romana», in ARNAUD (José Morais) e FERNANDES (Carla Varela), *Construindo a Memória (As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo)*, Lisboa, 2005, 220-233.
- ENCARNAÇÃO (José d'), «Apostilas epigráficas», *Humanitas* 46 1994 217-230. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/20643>
- ENCARNAÇÃO (José d'), «Apostilas epigráficas – 2», *Biblos* 71 1995 403-416. <http://hdl.handle.net/10316/20641>
- ENCARNAÇÃO (José d'), «Apostilas epigráficas – 3», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16 2013 293-302. <http://hdl.handle.net/10316/24933>

²⁴ Kajanto (p. 208) refere um senador, 11 homens, um escravo e uma mulher, no conjunto do CIL. Na Hispânia é este o único testemunho conhecido de *cognomen* seguro, pois que o outro *Augustanus* identificado se designa *Augustanus Pace* (CIL II 2425, HEp 4, 1994, 1006) e quiçá possa ver-se aí uma forma de melhor especificar a *origo*, *Pax Iulia* (*Pax Augusta?*).

- ENCARNAÇÃO (José d') e CARVALHO (Rogério P.), *Belver ao Tempo dos Romanos – A População e as Suas Crenças*. Portalegre, 1984.
- ENCARNAÇÃO (José d'), SALVADO (Pedro), BATATA (Carlos) e BATISTA (Joaquim), «Ideologia, gestão aurífera e afirmação epigráfica: o caso de *Tiberius Claudius Rufus* (CIL II 5132) de Idanha-a-Velha», in BATATA (Carlos) [edit.], *Actas VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu (realizado na Casa das Artes e Cultura do Tejo – Vila Velha de Ródão – nos dias 18, 19 e 20 de Junho de 2010)*, Abrantes, Junho 2011, pp. 109-121. <http://hdl.handle.net/10316/16877>.
- FABRE (Georges), «Le tissu urbain dans le nord-ouest de la Péninsule Ibérique», *Latomus* 29 1970 314-339.
- FABRE (Georges), *Libertus – Recherches sur les rapports patron-affranchi à la fin de la République Romaine*, Roma, 1981.
- FE 463 = ENCARNAÇÃO (José d') e LOSADA (Raul), «Placa funerária da *Civitas Igaeditanorum (Conventus Emeritensis)*», *Ficheiro Epigráfico* 104 2013 inscrição n° 463. <http://hdl.handle.net/10316/21551>
- GARCIA MERINO (Carmen), *Población y Poblamiento en Hispania Romana. El Conventus Cluniensis*, Valladolid, 1975.
- GRUTERUS, Ian, *Inscriptionum Romanarum Corpus absolutissimum*, Heidelberg, 1603.
- HEp = *Hispania Epigraphica*, Universidade Complutense de Madrid.
- HEpOL = *Hispania Epigraphica on line*: <http://eda-bea.es/>
- HILGERS (Werner), *Lateinische Gefässnamen (Bezeichnungen, Funktion und Form römischer Gefässe nach den antiken Schriftquellen)*, Dusseldorf, 1969.
- HÜBNER (Emílio), *Noticias Archeológicas de Portugal*, Lisboa, 1871.
- ILER = VIVES (José), *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972.
- IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984.
- KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.).
- LEVY = JORDÃO (Levy Maria), *Portugalliae Inscriptiones Romanae*, vol. I, Lisboa, 1859.
- LOZANO VELILLA (Arminda), *Die griechischen Personennamen auf der iberischen Halbinsel*, Heidelberg, 1998.
- MAZZOCCHI (Jacopo), *Epigrammata Antiquae Urbis*, Roma, 1521.
- PALOMAR LAPESA (Manuel), *La Onomástica Personal Pre-latina de la Antigua Lusitania*, Salamanca, 1957.
- PEREIRA (Félix Alves), «Antiquitus», *O Arqueólogo Português* 26 1923-1924 171-186.
- PEREIRA (Maria Amélia Horta), *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*, Câmara Municipal de Mação, 1970.
- RAEPSAET-CHARLIER (Marie-Thérèse), «Cominius: histoire et répartition d'un nom à l'époque romaine», *Mémoires de la Société d'Histoire de Comines-Warneton et de la Région*, 32, 2002, p. 19-31.
- SAA (Mário), *As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)*, III, Lisboa, 1960.

- SALGADO (Vicente), *Collecção dos monumentos romanos descobertos em Portugal e extraídos de varios autores, e da curiosidade do collector*. Ms. Bibl. Acad. Olisip. Est. 13, gab. 5, n. 23.
- SILVA (Augusto Vieira da), *Epigrafia de Olisipo. Subsídios para a História da Lisboa Romana*, Lisboa, 1944 (= EO).
- SOLIN (Heikki). *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque, 1982.
- STRADA, Jacobo, *C. Iulii Caesaris rerum gestarum commentarii XIV ..., praeterea addidimus omnes antiquitates ex sepulchris et elogiis veteribus marmoreis desumptas, quae passim in tota Hispania et Portugalia reperiuntur ...*, Francofurti 1575 [cf. CIL II p. IX n. 14]. [Como explica Helena Gimeno, no texto que disponibilizou na Internet – http://www2.uah.es/imagenes_cilii/Anticuarios/Textos/Strada.htm – «la única parte de la recopilación de inscripciones de Strada que» sobreviveu foi a que «editó como apéndice a sus Comentarios de César»].
- VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz 2005.
- VIVES = ver ILER.

OLISIPO

243 Reperta a. 1762 'no arco da Consolação'
Salg.

SEX · POMPEIUS
FAVSTVS
H · S · E
EI · F · CAECILIA · CALIMIS

Salgado ms. 3 p. 17, 53 (inde Levy 283, 671).
4 *ei fecit?* sive *e[st] filia?*

FIG. 1 – CIL II 243.



FIG. 2 – Ara estudada por F. Acuña Castroviejo.



FIG. 3 – Estela de Cardigos. Foto de Rogério P. Carvalho.



FIG. 4 – Estela de Cardigos. Desenho de Rogério P. Carvalho.

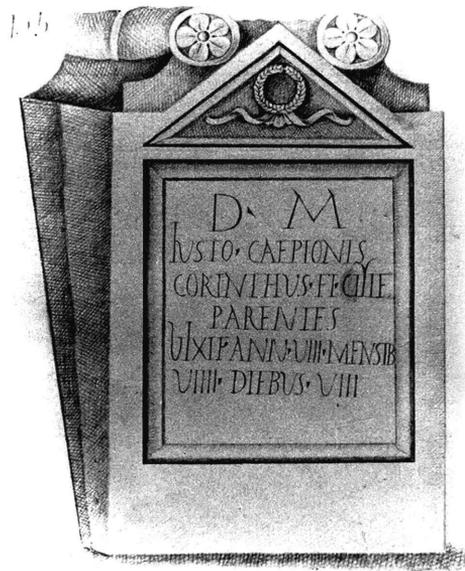


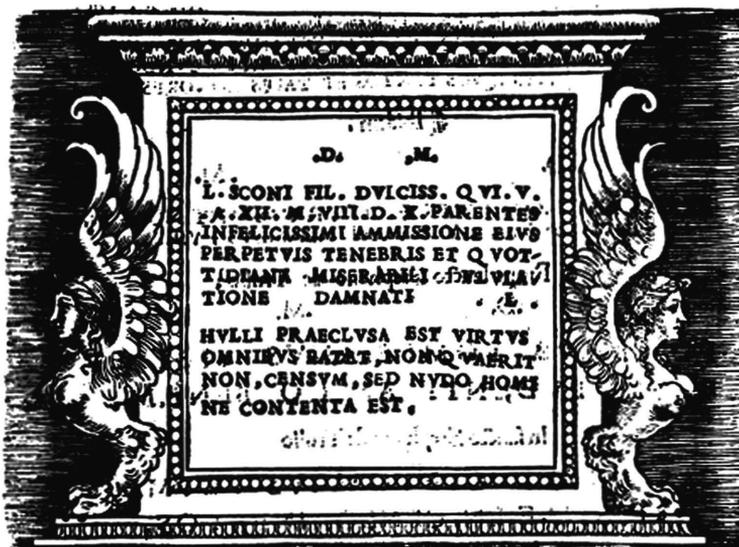
FIG. 5 – O desenho de CIL II 33* no álbum de Cenáculo.

COLVMNAB LXXIIII

¶ In sancto Blasio in monte Aseptoribus

R. FLAVI D. CERDONIS IUVENCIANI HERMES
CONLIBERT QVI DISP.

¶ Ibidem.



¶ Ibidem

.D. .M.
IVSTO CAMPIONIS CORINTHVS ET CLYTR PARENTES
VIXIT ANN. VIII. MENSIB. VIII. DIEBVS. VIII.

¶ Ibidem:

APVSVLENA GERIA VIXI ANN. XXII. QVOT QVISQVE
VESTRVM OPTAVERIT MIHI ILLI SEMPER EVENIAT
VIVO ET MORTVO.

Fig. 6 – Página de Mazocchi. A epigrafe em causa encontra-se sob o desenho.

Ibidem.

.....
 NE IVNIAE
 VM CVM
 VIT TRADIDITQVE C.....

Ibidem, in eadem Turri.

IMP. CAES. M.....
 IVLIO PHILIPPO
 PIO. FEL. AVG. PONTIF.
 TRIB. POT. II. PP. COS.
 V. FEL. IVL. OLISIPO

Legresti in Turri del Conde de Farta.

D . M
 CCOMINIO
 ATILIANO
 EQVITI ROMANO
 AN. LIII.
 H. S. E. S. T. T. L.

Apud S. Bras.

Q. POMPEIVS. Q.....
 HPHVS. H. S. E.
 ANTONLAO MVLIA
 H. S. E

Apud oppidum S. Aren, olim Cabdi Castro,
 in æde S. Mariz de Alca-
 cona.

D . M
 M ANTONI
 M. F. GAL. LVPI
 OLISIPONENSIS
 H. S. E

Ibidem.

D . M
 ANTONIAE
 MODESTAE
 AN. XXX
 IVLIA RVFINA
 MATER FILIAE
 PIENTISSIMAE
 POSVIT
 H. S. E

Sinzra.

Iuxta portam S. Mariz.

DIS MANIBVS
 L. LOREL. L. F. GAL
 MAXIMIANA XVI

Entre paralongay Ieyras in Ardculade
 S. Simani.

DIS MANIB
 L. RVTILL. L. F. GAL.
 SEVERIAN. XX.
 RVTILIA MATER
 D. S. P. F. C.

In Termino de OEyras.

ANTONIAE
 AMOENAE. H. S. E
 ANTAMOENVSPATER
 D. D

Collares.

In æde D. Mariz de Melide turba-
 rus lapis.

SOLI AETERNO
 LVNAE
 PRO AETERNITATE IM
 PERII ET SALVTE IMP. CA.....
 SEPTIMI SEVERI AVG. PII ET
 CAV. CAES. M. AVRELI ANTO
 NINI AVG PII.....
 CAES ET. LICAE AVG. MATR.....
 DRVSVS. VALER. COELIANVS
VS.....AVGVSTORVM
 CVM.....SVALE.....M.....SVA ET
 Q. IVLIVS SATVR. QVAL.....
 ET ANTONIVS.....

In Termino de Collares cippus magnus:

SOLI ET LVNAE
 CETVS ACIDIVS
 PERENNIS
 LEG. AVG. D.....D
 PROVINCIAE LVSTANIAE

Ibidem.

L. LICINII. C. F. GAL
 PROCVLI
 ANN. XXII.
 C LICINIVS
 AVITVS PATER

Ibidem.

C. LICINIVS. L. F
 GAL. CELSVS
 H. S. E

Ibidem

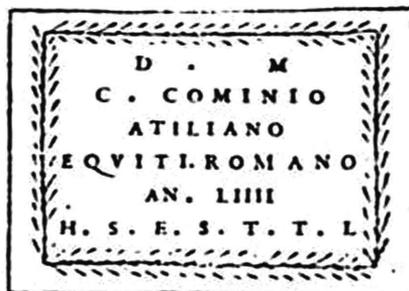
FIG. 7 – Página de Strada. A epígrafe em estudo é a 3ª da 1ª coluna. Veja-se a 5ª, que é dada como de ‘S. Aren, olim Cabdi’ (= Santarém, olim Scallabis).



FIG. 8 – Mapa antigo da região de Lisboa (para localização de Lebres).

Olisipone, in turri.

6



E Schotti schedis.

FIG. 9 – Desenho apresentado por Gruterus.



FIG. 10 – *Árula de L. Cominius Expectatus.*



FIG. 11 – *Face lateral esquerda da árula de L. Cominius Expectatus.*



FIG. 12 – *Face lateral direita da árula de L. Cominius Expectatus.*

Apoio: Banco Santander

